

Humanidade, Ligação Interpessoal de Relação e Cuidado¹

“Humanidade”, interpersonal relationship of relation and care

Autores

Mário Simões *

Manuel Rodrigues **

Nídia Salgueiro ***

Resumo: Qual a relevância da *humanidade* no contexto das ligações interpessoais de relação e cuidado? Para respondermos à pergunta acompanhámos o entendimento acerca do conceito de pessoa ao longo do tempo e confrontámo-lo com a *humanidade*. Surgiu uma visão humanista de pessoa como um “*autónimo de relação*” que excede os seus próprios limites psicofísicos através da relação e que possui uma dignidade experiencial humana fundamental, configurando um paradigma “*ontológico relacional*” para um entendimento de ser pessoa.

Em sintonia com este paradigma a *humanidade*, através de actos concretos de estimulação da pessoa presente na relação inter-pessoal, com os quais promove um reconhecimento imediato de pertença de espécie, centra-se na autonomia enquanto serve beneficência e não maleficência na medida justa com intenção numa realização personalizante na acção. Desta forma, a *humanidade* potencia a transcendência da pessoa e tende a ser um cuidado essencial na construção do humano.

Palavras chave: Pessoa. Relação. *Humanidade*. Cuidado.

* Mário Simões. Enfermeiro Chefe, Hospitais da Universidade de Coimbra.

** Manuel Rodrigues. Professor Coordenador com Agregação. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

*** Nídia Salgueiro. Enfermeira Professora Aposentada.

¹ Artigo baseado nos trabalhos para Doutoramento em Enfermagem, na especialidade História e Filosofia da Enfermagem, da Universidade Católica Portuguesa.

Abstract: What is the relevance of “Humanitude” in the aim of interpersonal relationships of relation and care? In order to answer to this question we followed the understanding of the concept of a person along time and we faced it with “Humanitude”. A humanist vision of person emerged as a “*relation autonomous*” that overcomes its own psychophysical limits through relation and that has a fundamental human experimental dignity, configurating an “*ontological relation*” paradigm towards person understanding. According to this paradigm “Humanitude”, through precise acts of stimulating the person present in the inter-personal relation, which promotes an immediate recognition of species belonging with, centres in autonomy while it serves beneficence and not malevolence in a fair measure, aiming a personalising fulfillment in action. Thus, “Humanitude” enables person’s transcendence and tends to be an essential care in human building.

Keywords: Person; Relation; Humanitude; Care.

Introdução

O ser humano, animal pertencente à espécie homo sapiens, com capacidades tais como sociabilidade, dom da palavra, desenvolvimento intelectual, capacidade reflexiva e simbolizadora, tem levantado questões ao longo da História relacionadas “*com a temática do direito natural, da natureza dos direitos humanos, da fraternidade, da igualdade, etc.*”². Questões que nos têm desenvolvido uma inquietação de discernir a condição do Homem no mundo através de uma visão humanista e da filosofia da *humanitude* para a construção do humano num meio de pessoas em relação, perguntando: Qual a relevância da *humanitude* no contexto das ligações interpessoais de relação e cuidado?

Visão humanista

A palavra pessoa deriva da “mascara” que cobria o rosto do actor a desempenhar o seu papel de representação no teatro da antiga Grécia. Este sentido, individual, do

² CABRAL. R. 2003, pp. 45.

personagem que faz ressoar a sua voz através da máscara, orientou o conceito para o “sujeito” referenciado por Cícero no direito romano (I sec. a.C.) como “*sujeito de direitos e deveres*”.

Santo Agostinho desenvolveu esta ideia do sujeito, individual, recorrendo á noção de relação de Aristóteles para sublinhar a capacidade da pessoa se relacionar consigo própria e Boécio (sec. VI) considerando que “*A pessoa é uma substância individual de natureza racional*” acrescentou a racionalidade à substância que Santo Anselmo recoloca na pessoa enquanto indivíduo uma vez que a substância diz respeito a todos os indivíduos.

São Tomás de Aquino escreveu que estes indivíduos têm o domínio dos seus próprios actos e actuam por si mesmos sendo “*subsistentes em si*”, ou seja, há uma substância individual enquanto singular e uma substância em si enquanto racional, por isso, adquirem o nome de pessoa, antecedendo, assim, a doutrina filosófica que começou a afastar o conceito de indivíduo para começar a considerar os “*... conceitos de relação e inter-relação como constitutivos dinâmicos do ser humano*”³.

Nesta linha de pensamento Leibniz ao dizer que pessoa é um “*ser pensante e inteligente, capaz de razão e de reflexão (...)* unicamente por meio do sentimento que tem das suas próprias acções”⁴, coloca-se na linha da filosofia moderna que avançou por três fontes de possíveis características: “*a) o psicológico: o cartesianismo toma a consciência como a característica definidora do ser pessoa; b) o ético que sublinha a*

³ MAGALHÃES, V. P. 1996, pp. 60.

⁴ MORA, J. F. 1974, pp. 311. “Novos Ensaio, II, XXVII, 9”.

liberdade (Kant); e c) o social: com o personalismo e particularmente com Martin Buber, onde a pessoa vem definida pela relação ao outro e suas inter-relações”⁵.

A liberdade, a consciência e o personalismo evidenciam a capacidade de auto-determinação da pessoa para actuar no campo da sua existência relacional. Existência que é marcada pelo “não saber” que tudo aprende ao longo do percurso maturacional da vida, pela consciência de finitude, pelo sofrimento oriundo da decepção em relações valiosas ou da impotência na ajuda ao sofrimento do outro, pelo desgosto e pela experiência de injustiça. Estas experiências de vulnerabilidade da pessoa, ao mostrarem-na auto-insuficiente, são um conjunto de necessidades só possíveis de ser satisfeitas também na própria existência relacional por uma relação inter-suficiente. Relação onde é possível a confiança, o perdão, a compaixão, a alegria e a aprendizagem para as integrar e superar⁶. Então, é nesta relação com o outro que a pessoa adquire suficiência e se faz, porque entendendo os efeitos da sua acção “*Naturalmente será ele próprio a medida e a referência, não podendo deixar de tomar como Bem o que o realiza e humaniza e, como Mal o que o despersonaliza.*”⁷.

A pessoa aparece-nos, assim, sob uma estrutura relacional⁸ que é capaz de uma suficiência conseguida e mantida continuamente por uma dinâmica de actos, de um eu e um tu, acontecidos sob uma actividade emocional e racional constantes. Na sua interioridade a pessoa tem a capacidade de pensar, decidir e agir sem estar condicionada a respostas reactivas a estímulos que recebe, pois atribui significados, decide em consciência e age ou não. Na sua exterioridade a pessoa é um apelo ao outro por

⁵ MAGALHÃES, V. P. 1996, pp. 60.

⁶ RENAUD, M. 2008, pp. 17. “Vulnerabilidade e Espiritualidade”.

⁷ MAGALHÃES, V. P. 2000, pp. 60.

⁸ DINIZ, A. 2003, pp. 132.

necessidades de suficiência da sua vulnerabilidade. Desta forma, a pessoa vive uma situação de relações significativas, em contextos de tempo e espaço, que integra a sua própria estrutura relacional, pois influencia-a constantemente no seu próprio desenvolvimento.

Os contextos familiares e de espaço e tempo da vida da pessoa, as suas co-responsabilidades sociais e políticas, as suas crenças e a sua capacidade de percepção destes factores, influenciam tanto o seu desenvolvimento como a sua capacidade de influenciar. Porque a pessoa é efectividade e apelo de mais e melhor, no caminho relacional de ser pessoa, na descoberta do seu sentido, e no seu aperfeiçoamento contínuo⁹.

Nesta perspectiva, o mundo humano integra pessoas estruturalmente relacionais numa dinâmica (re)construtora contínua de si com o outro, na situação onde se encontram, que se diferencia da dimensão neurobiológica objecto de estudo científico. Deste modo, o mundo da matéria humana mostra um *mundo da relação*, que é uma teia de ligações entre as pessoas, onde o bem ao tu se transforma no bem ao eu e o bem ao eu se transforma no bem ao tu, numa reciprocidade da existência experiencial situada da vida das pessoas.

Este tema de pessoa ser-em-relação, desenvolvido a partir do sec XX através das correntes existencialistas e fenomenologias no plano filosófico¹⁰, encontra-se hoje em pleno desenvolvimento no domínio da psicologia¹¹. Mitchell e Greenberg iniciaram-no,

⁹ MAGALHÃES, V. P. 1996, pp. 63-64.

¹⁰ DINIZ, A. 2003, pp. 119-140.

¹¹ DINIZ, A. 2007, pp. 5-9.

distinguindo a motivação individualista por simples impulsos físicos, na perspectiva freudiana, da perspectiva relacionalista¹² que nos apresenta uma imagem do ser humano inserido numa rede de relações inter-pessoais onde estabelece e mantém laços com as outras pessoas e simultaneamente diferenciar-se delas, o que lhe permite a moldagem da sua personalidade e experienciar o desejo¹³. Por conseguinte, só se pode compreender a pessoa no cerne da trama de relações passadas e presentes que compõem uma mente interligada a outras mentes¹⁴, o que leva, consecutivamente, a caracterizar a psicologia com o estudo da relação interpessoal¹⁵. Desta forma percebemos que há um contexto de relações inter-pessoais que é humanizador e que é objecto de estudo como área interactiva onde o ser humano nasce, procura estabelecer ligações e personalizar-se realizando-se.

Dentro desta linha de pensamento encontramos a proposta de Magalhães para pessoa como “*sujeito autónomo de relação*”¹⁶, pois a suficiência pessoal atinge-se pelo uso da autonomia num campo comum de inter-dependência onde cada eu é sempre um eu e um tu.

Assim sendo, percebemos que a espécie humana apresenta uma natureza comum nas pessoas com capacidade de ser animada tanto pelos componentes físicos, emocionais e intelectuais de cada uma, como pela capacidade de relação com o outro, criando movimento e vida humana pessoal única; a expressividade. A pessoa é um acto de ser co-existindo, com actividades racionais, emocionais e volitivas. Neste sentido, a dimensão autónoma do ser humano deve ser entendida no caminho da comunhão entre

¹² MITCHELL, S. & GREENBERG, J. R. 1983.

¹³ MITCHELL, S. 1988.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ GURNEY, A. G. & ROGERS, S. A. 2007, pp. 961-77.

¹⁶ MAGALHÃES, V. P. 2000, pp. 57.

as pessoas para a suficiência pessoal, numa dinâmica humanizadora¹⁷. Pois, só consegue ser suficiente através da relação na qual é interdependente e está em permanente realização, personalizando-se. Pelo que este “*sujeito autónomo de relação*” está em constante comunicação (comunhão) consigo próprio na sua interioridade, pois é autónomo, e simultaneamente com o outro na sua exterioridade, pois é vulnerável, o que implica relação como expressão da sua epseidade e alteridade, ou seja, expressividade ou personalidade¹⁸.

Por conseguinte, a suficiência só é atingida pelas interações de relação que personalizam e permitem a realização da pessoa (ser quem é). Que o mesmo será dizer que a relação orienta a pessoa a personalizar-se num campo comum de existência, ou seja, a realizar-se (não um é mas um ir sendo).

Este fazer-se pessoal dos intervenientes em relação excede os limites da individualidade psicofísica de cada um, destaca uma realidade espiritual, não metafísica, com uma natureza humana comum que vive e transcende numa inter-relação que eleva a pessoa de uma realidade impessoal de coisa e, configura-lhe uma dignidade experiencialmente humana¹⁹.

Esta dignidade permite perceber que a autonomia da pessoa declara a liberdade como sua parte integrante enquanto potencial de acção, que, no acto concreto, exige que as possibilidades de actuação da pessoa se coloquem dentro de um universo de bem que

¹⁷ DINIZ, A. 2007, pp. 5-9.

¹⁸ SIMÕES, M. M. M. 2005, pp. 21-22.

¹⁹ *Ibid*, pp. 26-29.

dignifique e liberte a pessoa, sendo um meio e também um fim²⁰. Logo, só com responsabilidade é possível fazer inter-relação em liberdade de consciência, e esta inter-relação, por si, fazer e realizar a própria pessoa que se inter-relaciona. Uma vez que a capacidade interior de decidir (eu) dá à pessoa poder por ser livre e imputa-lhe um dever permanente de aprovar ou desaprovar em consciência a sua conduta e, consecutivamente, de estruturar e organizar a sua actuação em exterioridade na inter-relação por necessidades de suficiência da pessoa, que não existiria sem o outro (tu) numa situação (situado). Situação que influencia a pessoa em inter-relação no seu fazer-se e na sua capacidade de influenciar em inter-relação no fazer-se do “eutu” em cada “eusituaçãooutro” e em cada “outrosituaçãoeu”²¹.

Então, a responsabilidade é via de liberdade enquanto possibilidade de realização da relação inter-subjectiva, ou seja, enquanto possibilidade da pessoa fazer a relação e da relação fazer a pessoa²². Pois, só assim pode haver hierarquização e escolha, em consciência, dos constituintes da actuação pelo bem na relação, ou seja, uma realização personalizante.

Este fenómeno relacional, que existe na experiência situada da natureza humana comum, parece transferir paradigmaticamente o entendimento ontológico individual de pessoa, como um eu de matéria(físico)/espírito(metafísico), para um entendimento ontológico relacional²³ onde o individual eu cede lugar a um eutu que lhe excede os limites psicofísicos e leva a pessoa a transcender em algo mais através da situação relação que sublinha a sua dignidade experiencial humana fundamental.

²⁰ *Ibid*, pp. 22.

²¹ *Ibid*, pp. 27.

²² MAGALHÃES, V. 2000, pp. 55-62.

²³ DINIZ, A. 2003, pp. 136.

É neste paradigma (“eutusituado”)²⁴ que comungamos com “*Uma réstia de esperança: a empatia.*”²⁵ para nos distanciar da destruição do humano²⁶ por um sentimento ontológico individual²⁷, para catalizar a “... *ligação entre a perspectiva filosófica e a perspectiva científica, no que se refere à dimensão relacional do ser humano*”²⁸ e para construirmos o humano através de num paradigma relacional.

Filosofia da *humanidade* e construção do humano

Humanidade, palavra criada por Freddy Klopfenstein para se referir a “*Inquietude, solitude, habitude: humanidade.*”²⁹, foi utilizada por Albert Jacquard em 1986 quando escreveu advertindo para o poder que o Homem actualmente tem de se dizimar completamente dizendo que se deve promover exactamente o contrário, porque a espécie humana tem características que justificam todos os esforços para assegurar a sua sobrevivência³⁰. Desde então desenvolve um pensamento acerca do conceito de *humanidade*. Ele centra-se na perspectiva evolucionista do desenvolvimento humano e sublinha que a partir de certo momento a sua complexidade era tal que o Homem em inter-acção começou a criar redes colectivas nas quais faz parte e com as quais completa as redes interiores de cada Homem, uma vez que cada um beneficia da partilha das informações ou descobertas dos outros.

Todo o ser humano participa, assim, de um grande desígnio colectivo, a construção da *humanidade*. Do ponto de vista filosófico, é a contribuição de todos os homens, com a

²⁴ SIMÕES, M.M.M. 2005, pp. 28-29.

²⁵ MAGALHÃES, V. 2002, pp. 117-118.

²⁶ É disso facto a consciência da degradação das condições de vida que se começa a instalar a partir dos anos 70 com a destruição dos recursos naturais, a poluição e a previsibilidade da destruição do planeta por acção intencional do Homem.

²⁷ Boécio (sec. VI) pessoa “*substância individual de natureza racional*”.

²⁸ DINIZ, A. 2003, pp. 138.

²⁹ KLOPFENSTEIN, F. 1980, pp. 7.

³⁰ JACQUARD, A. 1986, pp. 173.

sua diferença, para a riqueza do universo, e a sua ligação entre si e ao mundo, numa perspectiva ecológica. *Humanidade* é “a contribuição de todos os homens, de outrora ou de hoje, para cada homem”³¹. Do ponto de vista prático, de acordo com o autor, a *humanidade* representa o tesouro de compreensões, de emoções e sobretudo de exigências que existe graças a nós e que desaparecerá se nós desaparecermos, pelo que o Homem tem a tarefa de aproveitar esse tesouro, já acumulado, e continuar a enriquece-lo.

Há, assim, uma natureza humana comum, proveniente de uma carga genética específica dos humanos, que só tem possibilidade de originar uma pessoa única depois do organismo psicofísico gerado ter sido “*mise en commun*”³² partilhando a riqueza que foi sendo acumulada pelos humanos e, consecutivamente, participar com o seu próprio contributo. Pois as potencialidades fornecidas pela natureza humana comum só têm poder de construir uma pessoa irrepetível no meio das inter-relações humanas. “*São necessários Homens para que um filho de Homem se torne Homem, (...)*”³³.

Esta perspectiva de Jacquard acerca das oferendas que os Homens dão uns aos outros, depois de terem consciência de ser, e que se podem fazer mutuamente num enriquecimento sem limites, conjuga-se com a ideia central de Luís Archer³⁴, que propõe o regresso a uma ética da lembrança da *humanidade* holística, através da triangulação de *ciência, tecnocosmos e humanidade*, dando valor ao mistério humano, enquanto domínio do sagrado.

³¹ *Ibid*, pp. 175.

³² JACQUARD, A. 1999, pp. 41.

³³ JACQUARD, A. 1986, pp. 179.

³⁴ ARCHER, L. 2002, pp. 8.

Nesta linha de pensamento, a natureza humana comum, identificadora da espécie, só a torna suficiente quando existe uma atenção dos humanos dirigida aos seus próprios actos para que demonstrem uma preocupação com a humanidade e a sua sobrevivência. Esta preocupação é visível na atenção que cada ser humano dá a si próprio e ao outro associado à sua situação³⁵. Esta preocupação de “*mise en humanitude*” é bastante visível logo após o nascimento de um ser humano quando os outros seres humanos o envolvem num “*banho*” de estimulação sensorial e emocional, iniciando trocas comunicacionais ao nível mais básico entre os humanos em relação, com o toque, com o olhar, com o sorriso, com a palavra, com o vestuário, com a verticalidade. Este contacto relacional entre os humanos, que se vai desenvolvendo e complexificando ao longo da vida, proporciona um sentir-se ser de espécie humana e ao mesmo tempo uma percepção do outro como sendo da mesma espécie³⁶.

Os seres humanos ao voltarem-se para o outro, a fim de o compreender e inter-agir com ele, estão a dar consistência ao conceito de *Humanitude* que apresenta este interesse de nos mostrar como comportamentos e acções simples vão ao encontro do ser no que ele tem de mais essencialmente humano, advindo-lhe a sua eficácia da correspondência com o seu próprio desenvolvimento³⁷.

Esta característica fundamental do ser humano, ser em relação, constitui-se na natureza humana comum pela possibilidade de se sentirem as estimulações de *humanitude* às quais se é impelido a inter-agir. A estimulação é oferecida e recebida pelo corpo da pessoa, através dos sentidos, dando-se lugar à sensação com respectiva estimulação

³⁵ HESBEEN, W. 2006, pp. 28-30.

³⁶ GINESTE, Y. et PELLISSIER, J. 2007, pp. 18-39.

³⁷ PHANEUF, M. 2007.

emocional e racional. A partir daqui acontece a construção, diária, da identidade da pessoa que transcende como ser único e irrepitível e que inter-age conjuntamente com os demais construindo tudo aquilo que desaparecerá se o ser humano desaparecer.

Os actos concretos da pessoa presente na relação inter-pessoal, que demonstram uma preocupação com a realização do outro, são um cuidado essencial na construção do humano. Pois, quando a pessoa em relação está centrada no bem, que personaliza e realiza, está a potenciar a personalização e realização do outro e consecutivamente a sua própria. Porque a pessoa está a ser servida responsabilmente na sua estrutura relacional (eutsituação) por uma estimulação relacional de bem no eu em cada “tusituaçãoeu” e no tu em cada “eusituaçãootu” e, consecutivamente, por uma situação relacional de bem³⁸. Assim sendo, é potenciada a liberdade relacional de cada um onde começa a liberdade relacional de cada outro, pois a pessoa ao contribuir responsabilmente para a construção do outro constrói-se a si própria única e irrepitível, sendo assim, pessoa.

Nesta perspectiva, é ultrapassado um paradigma individual pela sintonização de um paradigma relacional que personaliza e humaniza, uma vez que este mostra a potencia das pessoas a realizarem-se na vida em relação, ou seja, a centrarem-se na autonomia da pessoa enquanto servem beneficência e não maleficência na medida justa, que o mesmo será dizer, a desenvolver na humanidade a sua *humanitude*.

³⁸ o contrário também pode ser verificado, centrado num paradigma individual, que leva rapidamente ao individualismo geocentrista e ao ser possível destruir-se a pessoa.

Consideração Final

A pessoa autónoma personaliza-se através da relação inter-pessoal e mostra uma estrutura relacional que a “*mise em comum*” pela partilha dos contributos de todas as pessoas de outrora ou de hoje.

Na inter-acção pessoal as compreensões, as emoções e sobretudo as respostas a exigências de sobrevivência mútuas são estimuladas através do corpo onde são oferecidos e recebidos actos simples como a palavra, o olhar, o toque, o sorriso, o vestuário, a verticalidade. Actos simples que estimulam os sentidos, a emoção e a racionalidade e que colocam a pessoa numa rede de relações significativas que a levam a transcender e a ter uma dignidade experiencial humana fundamental. Esta “*mise en humanitude*” proporciona um sentir-se ser de espécie humana indo ao encontro do que ela tem de mais essencial, o seu próprio desenvolvimento, com um apelo à interacção, à transcendência, à espiritualidade. Esta preocupação com a sobrevivência da humanidade leva a um entendimento *ontológico relacional* que dá valor ao mistério do humano enquanto domínio do sagrado e leva a servir responsabilmente as ligações inter-pessoais de relação e cuidado com humanitude, relevante, para potenciar a construção da primeira obra do Homem, o desenvolvimento do próprio Homem.

Bibliografia

- ARCHER, Luís (2002) – “Profecias do Gene Ético: Confronto entre Tecnocosmos e Humanidade”. in: *Cadernos de Bioética*, Ano XII, nº 30, Coimbra: Grafia de Coimbra.
- CABRAL, R. (2003) – *Temas de Ética*, Braga: Faculdade de Filosofia da UCP- Braga
- DINIZ, A. (2007)- Algumas reflexões sobre o ensino/aprendizagem da psicologia. *Pessoas & Sintomas*, (3): 5-9
- DINIZ, A. 2003. - “Ética e identidade pessoal na perspectiva das ciências cognitivas” in *Brotéria* 156(2003) pp. 119-140
- GINESTE, Y. et PELLISSIER, J. (2007) - *Humanitude, Comprendre la vieillesse, prendre soin des Hommes vieux*. Paris : Armand Colin.
- GURNEY, A. G. & ROGERS, S. A. (2007). Object-relations and spirituality : revisiting a clinical dialogue. *J Clin Psychol*. Oct ; 63 (10) :961-77.
- Hesbeen, W. (2006) – TFC
- HESBEEN, Walter (2006) – *Trabalho de fim de curso, trabalho de humanitude, emergir com o autor do seu próprio pensamento*, Loures: Lusociencia.
- JACQUARD, Albert (1986) - *L'Héritage de la liberté: de l'animalité à l'humanitude*, Éditions Seuil
- JACQUARD, Albert (1999) - *L'Homme est l'avenir de l'homme*. Liège : Alice Éditions, Bruxelles et RTBF Liège.
- KLOPFENSTEIN, F. (1980) – *HUMANITUDE, L'home, La vie, La mort, Dieu, L'absurd, Le bonheur, Le rêve, La politique*, Genève: Labor et Fides.
- MAGALHÃES, V. (1996) – “Ser pessoa: a caminho de uma definição”. In: *Bioética*, Coordenação de Luis Archer, Jorge Biscaia, e Walter Osswald, Lisboa: Verbo.
- MAGALHÃES, V. (2000) - “Pessoa Humana, Autonomia e Responsabilidade” , in: *O Olhar e o Ver*, Coimbra: Edições Tenacitas.

MAGALHÃES, V. (2002) – “O sentido da vida”. in: *Cadernos de Bioética*, Coimbra: Gráfica de Coimbra. pp. 113 – 118.

MITCHELL, S. & GREENBERG, J. R. (1983). *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. The Harvard University Press.

MITCHELL, S. (1988). *Relational Concepts in Psychoanalysis : An Integration*, The Harvard University

MITCHELL, S. (2000)., Hillsdale, NJ, The Analytic Press. *Relationality : From Attachment to Intersubjectivity*

MORA, José Ferrater (1974) – *Dicionário de Filosofia*, Lisboa: Editorial Sudamericana, S.A.

PHANEUF, Margot, “Le concept d’humanité : une application aux soins infirmiers généraux” disponível em <http://pagesperso-orange.fr/cec-formation.net/phaneuf.pdf> e acedida em 12 Fev. 2007.

RENAUD, M. 2008. - “Vulnerabilidade e Espiritualidade” in *Revista Portuguesa de Bioética*. Suplemento nº I - 2008

RODRIGUES, Manuel Alves; Martins, M. F. (2004) – As Janelas Expressivas do corpo e do ser. *Sinais Vitais*. Nº 54, Maio, p. 53-59. ISSN 0872-8844.

SIMÕES, M.M.M. (2005) - *Humanização de cuidados de saúde e educação reflexiva em ensino clínico com recurso ao debate em grupo*, Dissertação de Mestrado em Filosofia, área axiologia e ética, especialidade bioética, apresentada à Universidade Católica Portuguesa.

SIMÕES, M.M.M.; RODRIGUES, M. ; SALGUEIRO, N. (2008) – “O significado da filosofia da humanidade, no contexto dos cuidados de enfermagem à pessoa dependente e vulnerável”. In: *Revista Referência*. 2(7). Coimbra. EsenfC: 97-105.